

## VERBETES DE LARROSA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Virgínia Black Paula Costa<sup>1</sup>

Mariele Vargas Eckhardt<sup>2</sup>

Cláudia Pereira Souza<sup>3</sup>

Josué Rauber<sup>4</sup>

Leandro Oliveira Rocha<sup>5</sup>

O programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é um projeto importante, tanto para os cursos de licenciatura quanto para a Educação Básica, pois potencializa as oportunidades de se viver a docência, na prática. A partir da formação, o PIBID mobiliza as instituições de ensino superior e escolas públicas, tornando as escolas protagonistas dos processos de formação inicial para professores. Ao inserir os estudantes no ambiente escolar, o programa visa proporcionar oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar.

Este estudo tem por objetivo apresentar os verbetes aula, experiência e exposição do autor Jorge Larrosa e relacioná-los com duas observações feitas na escola parceira do Subgrupo Interdisciplinar Pedagogia e Educação Física do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

O trabalho desenvolveu-se com base em duas aulas realizadas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no decorrer do primeiro semestre de 2023. Na primeira aula, foram realizadas leituras individuais sobre os verbetes do livro P de professor do Jorge Larrosa e um registro das ideias principais do texto. Em pequenos grupos, ocorreram diálogos e a montagem de uma apresentação de slide que foi compartilhada com os demais colegas. Na segunda aula, houve a retomada das exposições orais e um momento de reflexão com o grande grupo, onde os coordenadores conversaram sobre o assunto e nos encaminharam um exercício individual.

As observações ocorreram de forma presencial na Escola Municipal de Ensino Fundamental Bela Vista em Arroio do Meio e tiveram embasamento teórico nos estudos realizados ao longo das aulas do PIBID. Os encontros foram de extrema importância para o aprimoramento da nossa formação docente, contribuindo para o nosso desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional.

No primeiro encontro, tivemos a oportunidade de conhecer toda a história e estrutura da escola, como laboratórios, ginásio, sala de psicomotricidade, biblioteca, entre outros. Conhecemos parte do corpo docente da escola, as turmas que participam do Programa Mais Educação e a turma do 4º ano do professor supervisor, composta por 22 alunos, uma monitora e uma estagiária. No segundo encontro, conseguimos ter um olhar mais apurado sobre a rotina das crianças. Dialogamos com o professor supervisor e a estagiária sobre a aplicação dos conteúdos, o plano de aula e todo esse processo na prática.

Ao discutirmos o conceito de experiência, Larrosa (2018) nos traz a seguinte definição: “Aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, que ao nos passar nos forma, nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. A experiência é singular. Não trocamos ela, a compartilhamos uns com os outros. A palavra experiência vem do latim *experiri* (provar) e é em primeiro lugar um encontro, uma relação com algo que se experimenta ou se prova. Ela é imprevisível. O autor se refere a uma apropriação mercantil, ao dizer que a lógica do consumo se orienta cada vez mais em direção ao consumo de experiências, ao fazer dela um objeto de consumo. Quando o mercado de coisas “reais” está saturado, há acontecimentos e experiências de se vender imateriais: sensações, emoções, lembranças.

Conforme Larrosa (2018), a aula em espanhol significa duas coisas: um espaço e um tempo. Ao ser mencionada como tempo, a aula deveria ser cuidada, pois é o lugar do ofício. Ela constitui o aluno em aluno e o professor em professor. Nesse ambiente, é preciso falar com cuidado, não se pode dizer e nem fazer qualquer coisa. É necessário prestar atenção e elaborar como vai ser essa fala e essa exposição. A aula é um lugar de voz, de presença e estudo, não de lazer. Em seu livro *Esperando não se sabe o quê*, Larrosa (2018) nos diz que a aula requer disponibilidade, abertura, exercício, leitura, escrita, conversa e encontro do sujeito, não sendo só projetada pelo professor. É um lugar público, com o qual se exerce uma prática comum (partilha, troca e intercâmbio de saberes). É na aula que o professor executa o seu ofício de ensinar, que diz respeito a mostrar (e fazer, falar) uma pequena parte do mundo, não o mundo. Mas é também ler essa parte e comentar, ou seja, não se trata de opiniões.

Em suas hipóteses, Larrosa (2018) vê a sala de aula como um espaço público. E para desenvolvermos isso, poderíamos pôr em jogo duas noções: a primeira é a lição, a lição, que não é outra coisa senão a leitura pública e em público de um texto. Mas não ao estilo de uma leitura monástica, em que o texto era lido em voz alta para que todos o escutassem.

Em silêncio, mas ao estilo da leitura escolástica, quer dizer, do modo de leitura que se inventa na universidade medieval e que poderíamos chamar de leitura crítica. Ele falou sobre a lição em um capítulo de Pedagogia Profana que se intitula “Sobre a lição” e que surge como a relação entre a leitura pública e o ensinar e o aprender. A partir desse ponto de vista, o que se faz em público na sala de aula não é outra coisa que a leitura, ou melhor, as leituras, do texto ou, dito de outro modo, a relação que cada um mantém com a matéria de estudo, ou ainda, de outro modo, o estudo de cada um. A segunda noção poderia ser a de esfera pública, que quer dizer entender a aula como uma esfera pública.

Segundo Larrosa (2018), há um deslocamento pedagógico da ideia de experiência (como transformação do sujeito) à ideia de exercício (como atenção ao mundo). O que está se desvanecendo nas instituições contemporâneas de educação não é o sujeito (esse nunca tem sido tão forte, tão protagonista, tão lisonjeado), nem a transformação do sujeito (o sujeito flexível, adaptável, maleável, transformável e, logicamente, criativo e inovador, implícito nas lógicas do aprender a aprender e da aprendizagem contínua e permanente), o que se desvanece é o mundo, e sobretudo, o mundo comum, o mundo compartilhado. O professor põe algo do mundo sobre a mesa, produz sensibilidade e tenta convertê-lo em algo público, em algo comum, em algo sobre o que se possa pensar, sobre o que se possa colocar em relação às nossas formas (singulares e coletivas) de viver e de estar juntos.

Ao trazer o conceito de exposição, Larrosa (2018) faz muitos esforços e inventa muitos procedimentos para que a sala de aula se constitua em um espaço público, e isso em vários sentidos. Em primeiro lugar, porque, na aula, as coisas se fazem na presença de outros. Isso é evidente para o professor, que se expõe e que se faz presente perante os alunos continuamente, embora esta presença não seja para chamar a atenção sobre si, mas para guiar esta atenção para a matéria de estudo e, através dela, para os assuntos do curso. A presença do professor tem a ver com o que apresenta e torna presente a matéria, assim como a exposição do professor tem a ver com o que expõe. O professor é o que mostra o livro, aponta, aponta para o livro, orienta o olhar para o livro, é só nesse mostrar que ele mesmo aparece. O autor acredita que essa maneira de se colocar é muito clara em suas formas de dar aula, visto que entende seu trabalho, essencialmente, como um dar a ler. Larrosa (2018) é um professor que se oculta atrás dos textos que constituem a matéria de estudo e que só é visível na maneira como torna visível os seus alunos, expressando também, na maneira como os trata, às vezes com muito esforço, para terem uma relação atenta e ativa com esses textos e com essa matéria. E dar a ler não é somente eger

textos e colocá-los em cima da mesa, é sobretudo, pôr em marcha procedimentos que assegurem e emoldurem essas leituras.

É necessário chamar a atenção de todos e de cada um para esse mundo (esse texto) que o professor põe em comum. Por isso, segundo Larrosa (2018), a escola tem a ver com desapropriar o mundo, com comunicá-lo e torná-lo público. Isso é importante e cada vez mais difícil nesses tempos de privatização da existência (mediante a configuração do “eu” como sujeito como um sujeito proprietário dos seus bens, sua identidade, seus direitos, suas necessidades, seus interesses, suas motivações, seus gostos, suas ideias, suas opiniões, suas capacidades, como proprietário de si), de privatização do saber (mediante sua constituição em uma mercadoria) e de privatização da própria escola (através da implementação de entornos individuais de aprendizagem, e através da inserção nos dispositivos educativos dessa mentalidade empreendedora que faz de cada indivíduo proprietário e gestor de si, de suas competências e de suas aprendizagens). Conforme Larrosa (2018), parece que a escola é pública porque faz com que o mundo seja público, porque o põe em comum.

Baseado nas ideias de Larrosa (2018), podemos concluir que, a exposição está muito atrelada com a experiência, ou seja, a aula se faz na presença de outros, e não deve ocorrer de forma individual. Foi exatamente isso que observamos em sala de aula ao observarmos como os professores trabalhavam o conteúdo de forma coletiva com os alunos. Na escola o mundo é público e só há mundo se algo for público e a aula é um local para compartilhar mundos e trocar ideias uns com os outros. Nesse sentido, ela se constitui como um espaço público, quando nela o mundo, o saber, os textos e as matérias de estudo se apresentam em público e em sua condição de público, quer dizer, de impessoais e de não próprios.

**Palavras-chave:** Pibid, Experiências e Verbetes

## REFERÊNCIAS

LARROSA, Jorge. Esperando não se sabe o quê. São Paulo: Autêntica, 2018.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. P de professor. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018, 532 p.

---

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES),  
[virginia.costa@universo.univates.br](mailto:virginia.costa@universo.univates.br)

<sup>2</sup>Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES)

[mariele.eckhardt@universo.univates.br](mailto:mariele.eckhardt@universo.univates.br)

<sup>3</sup>Graduada em Educação Física Licenciatura pela Universidade do Vale do Taquari, Supervisor do (PIBID), [cpsouza@universo.univates.br](mailto:cpsouza@universo.univates.br)

<sup>4</sup>Graduado em Educação Física Licenciatura pela Universidade do Vale do Taquari, Supervisor do (PIBID), [jrauber1@universo.univates.br](mailto:jrauber1@universo.univates.br)

<sup>5</sup>Doutor em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; professor da Universidade do Vale do Taquari, Coordenador do Subprojeto Pedagogia e Educação Física do PIBID, [Leandro.rocha@univates.br](mailto:Leandro.rocha@univates.br)

